

## PARA LER O PROJETO SOB UMA PERSPECTIVA ÉTICA<sup>\*†</sup>

Carlota Ibertis (UFBA)<sup>‡</sup>

carlota.ibertis@gmail.com

**Resumo:** Este artigo tece algumas considerações para ler o *Projeto de uma psicologia* a partir de uma perspectiva ética. Parte-se da leitura que Lacan efetua em *O Seminário, Livro VII, A ética da psicanálise*, onde ele estrutura sua interpretação na oposição entre os princípios de prazer e de realidade e na compreensão de *das Ding*. À diferença da leitura lacaniana, centrada no conceito de desejo, enfatizamos, em primeiro lugar, a pertinência das noções de desprazer e de prazer como fundamentais. Em segundo lugar, observamos que no *Projeto*, Freud estabelece como bases da moralidade, além do par desprazer-prazer, as experiências do desamparo e da dívida perante o próximo-auxiliador e não o objeto de desejo incestuoso, por uma parte, ou o objeto meramente formal, por outra, como sugere Lacan.

**Palavras-chave:** prazer-desprazer, desamparo, *Nebenmensch*, desejo.

Embora considerada por seu autor uma tentativa fracassada, o *Projeto* é um texto seminal em relação ao desenvolvimento ulterior da teoria freudiana. Em primeiro lugar, a sua abordagem, em termos de quantidade, sistematiza o desdobramento da vivência psíquica nos aspectos afetivo e representativo<sup>1</sup>. Em segundo lugar, a diferenciação entre os sistemas  $\phi$ ,  $\psi$  e  $\omega$  dá conta do caráter inconsciente de parte das representações, fornecendo, assim, um modelo teórico

---

\* Artigo recebido em 15.12.2009 e aprovado em 25.02.2010.

† Agradecemos as observações de Miguel Bairrão e Richard Simanke, assim como também as dos pareceristas da revista que muito contribuíram para melhorar o presente texto.

‡ Carlota Ibertis é Professora-adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil.

do funcionamento psíquico para explicar tanto a psicopatologia quanto os processos normais.

Como sabido, nesse manuscrito, Freud propõe-se explicar a vida psíquica em termos físicos. Em especial, é em torno das noções de excitação e de afeto que se pode apreciar de que maneira o *Projeto* funciona como dobradiça entre o olhar freudiano neurofisiológico e o psicológico. Na época, a observação clínica das representações hiperintensas conduz Freud à noção de quantidade, pedra basal do texto. Trata-se de apresentar processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partes materiais comprováveis: os neurônios. Na Carta a Fliess, de 25 de maio de 1895, Freud identifica as duas ambições a esse respeito: “[...] examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal” (MASSON, 1986, p. 130).

Na obra freudiana, a noção de montante de energia ou soma de excitação aparece em textos anteriores ao *Projeto* como, por exemplo, em *Histeria*, no qual o autor fala das perturbações psíquicas próprias desse transtorno como “modificações na distribuição normal, sobre o sistema nervoso, das magnitudes estáveis de excitação” (FREUD [1888] 1976, AE, I, p. 54)<sup>2</sup>. Em seu espírito geral, a concepção quantitativa já se encontra esboçada no texto *As neuropsicoses de defesa* ([1894] 1976, AE, III, p. 61).

De forma mais específica, o *Projeto* define quantidade como a diferença entre o repouso e a atividade que se encontra submetida às leis mecânicas (FREUD [1895 - 1950] 1976, AE, I, p. 339; [1895 - 1950] 2003, p. 175). O apare-

lho psíquico é concebido como receptor e processador de quantidades externas e internas. Este não cumpre apenas a função primária de descarregar quantidade, mas também a secundária da fuga do estímulo através da ação específica que demanda retê-la. Por essa razão, o aparelho tem a tendência de manter um mínimo de quantidade necessário para poder cumprir sua função.

Quanto à teoria dos neurônios, Freud estabelece identidade entre eles. Todos possuem a mesma constituição dada pelas prolongações celulares que recebem quantidade e os cilindros-eixo que a eliminam. A diferença entre os três tipos de neurônios  $\phi$ ,  $\psi$ ,  $\omega$ , explica-se com base na diferença de destino dos mesmos:  $\phi$  lida com quantidades externas via terminais nervosos protegendo os restantes sistemas de modo que  $\psi$  e  $\omega$  recebem quantidades endógenas cada vez menores. Identidade de arquitetura, diferença de destino é a fórmula freudiana que sintetiza o porquê da distinção entre os neurônios. Assim, os neurônios  $\phi$ , permeáveis, não operam resistência frente à intensidade das quantidades externas, enquanto que nos  $\psi$ , impermeáveis, as barreiras-contato funcionam ao tratar-se de intensidades menores, podendo mudar a cada decurso de excitação. Com a passagem de quantidade, as barreiras-contato tornam-se mais suscetíveis de condução, estabelecendo facilitações que explicam a memória.

Com esses postulados básicos, Freud busca estabelecer uma psicologia nos moldes da ciência natural, assentada em explicações de tipo mecânico e biológico. Todavia, ainda que o foco do *Projeto* esteja na preocupação teórico-epistemológica de construir um modelo de aparelho psíquico, certas questões como o desamparo inicial do ser

humano, a necessidade de protelar o prazer e a irrealizabilidade do desejo, dentre outras, justificam uma aproximação a esse texto sob a perspectiva ética. A mais conhecida é a realizada por Lacan.

### A RELEITURA LACANIANA DO *PROJETO*

No contexto do programa de estudo acerca da ética da psicanálise e considerando a relação entre o prazer e a realidade, Lacan introduz o que ele chama de releitura do *Projeto*. Segundo ele, Freud parte de uma intuição inicial fundamental que ao longo da sua obra se torna explícita. Trata-se da intuição acerca da nossa inadequação à realidade, sintetizada do seguinte modo: “Se há algo que se chama seu bem e sua felicidade [do sujeito], não há nada para isso ser esperado nem do microcosmo, isto é, dele mesmo, nem do macrocosmo” (Lacan, 1991, p. 47).

Em outras palavras, se a essência de toda reflexão ética consiste em ser uma tentativa de penetrar no problema da própria ação, esta se apresenta na pergunta sobre o que devemos fazer para agir de uma maneira reta, dada a condição de homens. As dificuldades para tal tarefa são sérias: definir em relação a quê se fala de bem, descrever a condição humana para saber se bem e felicidade podem se identificar.

A esse respeito, Lacan se propõe a estabelecer um fundamento diferente do clássico: em vez da virtude grega – ou da judaico-cristã –, ele vai postular o desejo como seu sucedâneo.

[...] e é por sabermos, melhor do que aqueles que nos precederam, reconhecer a natureza do desejo que está no âmago dessa experiência [da ação humana], que uma revisão ética é possível, que um juízo

ético é possível, o qual representa essa questão com seu valor de Juízo final – Agiste conforme o desejo que te habita? (LACAN, 1991, p. 376).

Para tanto, Lacan procura no *Projeto* a fonte. A problemática freudiana acerca da felicidade articular-se-ia na relação entre prazer e realidade, desdobrada nas oposições entre processo primário e processo secundário, por uma parte, e princípio de prazer e princípio de realidade, por outra. A relação com a realidade adquire dimensão paradoxal se considerada segundo tais oposições.

Os processos primários regidos pelo princípio de prazer tentam a identidade perceptiva com o objeto desiderativo não importando se de forma real ou alucinatória. Como já foi dito, a leitura lacaniana enfatiza a constatação de Freud acerca da insuficiente capacidade adaptativa do aparelho psíquico orientado para a satisfação alucinatória. Daí decorre a necessidade de um segundo princípio corretor. O interesse de Lacan nessa inadequação básica reside em que ela dá o tom trágico à relação do sujeito consigo mesmo, seu desejo e a realidade.

Os processos secundários, regidos pelo princípio de realidade, procuram a identidade de pensamento por “tateamento” e provas retificadoras. Lacan observa uma certa assimetria na dificuldade para precisar o funcionamento psíquico segundo o princípio de prazer e o correspondente ao princípio de realidade. Identificar em que reside o bem para o princípio de prazer é evidente, pois se trata, justamente, do prazer; ao contrário, identificar qual seja o bem visado pelo princípio de realidade é mais complexo, uma vez que não se trataria apenas de adaptação.

A releitura do *Projeto* assenta-se na premissa de que as oposições mencionadas (princípio de prazer / princípio de realidade e processos primários / processos secundários) são menos oposições psicológicas do que oposições éticas. Para Lacan, a intuição freudiana do “[...] conflito entre a qualidade arcaica de prazer indefinível que anima toda tendência inconsciente e o que pode haver de realizável e satisfatório” (Lacan, 1991, p. 57) redefine os problemas da dimensão ética.

Face à situação de necessidade, a experiência de satisfação estabelece a associação entre a excitação, o objeto que se apresenta e a satisfação resultante da ação envolvendo o objeto mencionado. Quando a tensão reaparece, reativa-se a representação correspondente a tal associação, reinvestindo a imagem do objeto em uma satisfação alucinatória. A partir de sucessivas experiências, a criança distingue entre objeto representado e percebido, buscando o objeto real que satisfaça a necessidade. Todavia, o desejo permaneceria atrelado ao objeto primário, ou seja, à busca da satisfação alucinatória. Por essa razão, sempre há algo de insatisfatório na ação específica (LACAN, 1991, p. 57).

De início, a ação específica só é possível graças à ajuda alheia ou de um outro próximo, chamado genericamente por Freud de *Nebenmensch*. A relação com este constitui, para Lacan, a primeira apreensão da realidade pelo sujeito. Nele, o juízo discerne, por um lado, qualidades representáveis e, por outro, *das Ding* como aspecto isolado na experiência do *Nebenmensch* por sua estranheza. Lacan salienta que, no âmago da experiência de realidade, Freud estabelece uma divisão original: um núcleo constante irrepresentável, *das Ding*, e uma parte inconstante representável, que

remete a movimentos próprios como mensagens do próprio corpo. O complexo é ao mesmo tempo o objeto de satisfação, o poder auxiliador e o objeto hostil.

O mundo freudiano, ou seja, o da nossa experiência comporta que é esse objeto, *das Ding*, enquanto o Outro absoluto do sujeito, que se trata de reencontrar. Reencontramo-lo no máximo como saudade. Não é ele que reencontramos, mas suas coordenadas de prazer, é nesse estado de ansiar por ele e esperá-lo que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima abaixo da qual não há mais nem percepção, nem esforço. (LACAN, 1991, p. 69).

No que respeita ao *Nebenmensch*, *das Ding* é o elemento que é originalmente estranho (*Fremde*), um exterior que não tem nada a ver com as qualidades que se apresentam. A ação específica caracteriza-se como modo de reproduzir um estado inicial, ou seja, de reencontrar *das Ding*. Essa noção, no âmago do complexo do semelhante, evidencia a opacidade e a alteridade do mais familiar, idéia que leva Lacan a relacioná-la com o conceito de *das Unheimliche* (SAFATLE, 2006, p. 157).

Lacan, preparando a comparação com o *Gute* kantiano, caracteriza *das Ding* como sistema de referência que constitui e ordena a percepção de maneira humana. Em função dele é que o sujeito se constitui em um mundo de relação, de afeto primário anterior a todo recalque. E é em relação a *das Ding* que é feita a primeira orientação subjetiva que representa a escolha da neurose<sup>3</sup> e que regula a função do princípio de prazer. (LACAN, 1991, p. 72) O que está em jogo aqui é o *das Ding* como “fora-do-significado”, trama significativa pura ou, em termos kantianos, forma universal vazia, que estrutura o sujeito fazendo-o gravitar em torno de suas representações inconscientes.

A distinção kantiana entre *Wohl* e *Gute* obedece à diferença entre a qualidade de um objeto devida ao prazer proporcionado por esse ao sujeito, no primeiro caso, e a qualidade do objeto considerado racionalmente, no segundo. *Wohl* e *Übel* são determinações da sensibilidade referentes ao agrado ou desagrado produzidos por um objeto. *Gute* e *Böse* dizem respeito ao bem e ao mal e são estabelecidos na relação da vontade com a lei da razão. (KANT, s/d, p. 100, 101).

A máxima de ação de buscar o prazer e de evitar a dor é um preceito natural que estabelece os atos ou objetos bons, quando provocam prazer, e os maus, quando proporcionam dor. Com efeito, o caráter de tais atos ou objetos é relativo às nossas inclinações e meios para atingir estados prazerosos e fugir dos dolorosos. Tal máxima, junto com a procura da felicidade, é racional porque escolhe os meios adequados para os fins propostos. No entanto, não se trata de uma determinação da razão pura, nem de um imperativo incondicionado; não pertence, portanto, à moralidade. (KANT, s/d, p. 103, 104). Assim, Kant desliga o desejo do âmbito da moralidade uma vez que o agente moral para ser tal, deve ser determinado pela razão pura.

Lacan, contestando a possibilidade da tentativa kantiana, sustenta que *A filosofia na alcova* é o complemento da *Crítica da razão prática*, pois a anti-moral desenvolvida naquela apresentaria a verdade não-dita nessa (SAFATLE, 2006, p. 161). A ligação entre ambas as obras estaria, segundo Lacan, na universalidade formal e incondicionada dos respectivos imperativos. Em “Kant com Sade”, Lacan salienta o desejo como avesso da lei, e a apologia do crime como reconhecimento da lei (LACAN, 1998, p. 799) em

um jogo de oposições que resgata a relação estabelecida por Freud em *Totem e tabu* entre proibição e desejo em geral e entre proibição e desejo incestuosos em particular ([1913] 1976, AE, XIII, p. 42).

A subordinação do superego ao princípio de realidade e a afirmação freudiana da descoberta de que a lei fundamental é a lei de interdição do incesto fornecem o elemento para a inferência lacaniana: *das Ding* perseguido pelo princípio de prazer é a mãe. A inferência fundamenta-se na oposição entre o princípio de realidade e o princípio de prazer, por um lado, e na relação do princípio de realidade com a lei contra o incesto e do princípio de prazer com o desejo incestuoso, por outro.

Se *das Ding* é o pivô para definir um objeto bom em sentido contrário ao moral, ou seja, moralmente mau, e a lei é contra o incesto, então *das Ding* é o objeto do desejo incestuoso, pois toda proibição sinaliza a existência do desejo contrário a ela mesma. Assim, Lacan interpreta *das Ding* como o índice do “primeiro exterior”, “inacessível” e “estranho”; a mãe, objeto impossível do princípio do prazer e referência última da lei contra o incesto, fundamento da ética.

Entretanto, Lacan salienta que *das Ding* não tem nada a ver com a realidade na qual o sujeito deve discernir o sinal de qualidade para a satisfação; trata-se, antes bem, do que estabelece o termo, a meta e a visada da prova de realidade. Citando o texto de Freud, *Die Verneinung* ([1925] 1976, AE, XIX, p. 255), Lacan enfatiza que o primeiro objetivo da prova não é encontrar “na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas de reencontrá-lo, convencer-se de que ele ainda está presente” (LACAN, 1991, p.

68, 69). A relação entre o *Projeto* e *A Negação* visaria indicar *das Ding* como o que foi forcluído (o real das moções pulsionais) pelo “Eu-prazer por meio de um julgamento de atribuição”, operação que leva à formação do sistema de representação significativa (SAFATLE, 2003, p. 213). Voltaremos a isso mais adiante.

### ANOTAÇÕES PARA UMA LEITURA IMANENTE SOB UMA PERSPECTIVA ÉTICA

Uma leitura na perspectiva ética que se propusesse restrita ao limites do *Projeto* – ou seja, sem recorrer a conceitos ou teses desenvolvidos ulteriormente e isenta de outros interesses além da compreensão do próprio texto – deveria retomar, certamente, a oposição entre o princípio de prazer e o princípio de realidade, assim como as idéias de desamparo, complexo do semelhante e *das Ding*, dentre outras consideradas por Lacan. Sem a pretensão de uma interpretação acabada – nem muito menos exaustiva – introduzimos algumas observações sobre aspectos que consideramos relevantes para uma abordagem do *Projeto* do ponto de vista da ética.

Em primeiro lugar, vamos considerar a idéia de desamparo inicial. Este é caracterizado como “fonte originária de todos os motivos morais”. Trata-se da falta de recursos naturais próprios para realizar a ação específica sobre o meio, exigida pela excitação endógena – a fome. A única possibilidade é a tentativa de eliminação por alteração interna, manifesta no grito que não resolve a necessidade, mas chama a atenção de um outro semelhante auxiliador.

A causa do princípio de simpatia do adulto, que interpreta o grito da criança como expressão de necessidade e a auxilia, não é esclarecida por Freud (GABBI Jr., 2003, p. 54 [nota 94]). O interesse freudiano reside na explicitação da gênese do aparelho psíquico. Isso explicaria o fato da análise estar centrada exclusivamente na criança e não no adulto. Em todo caso, a elaboração freudiana contempla duas personagens, a criança e o adulto, entre as quais se estabelece a dívida fundadora da moralidade<sup>4</sup>.

Desse modo, a versão freudiana adquire um tom naturalista cujos elementos são: (a) o desamparo biológico inicial que inviabiliza a ação específica necessária à sobrevivência, (b) a eliminação de quantidade por alteração interna refletida no grito, que cumpre um importante papel de comunicação, (c) a atenção do próximo (*Nebenmensch*) que, interpretando o grito como descrição de uma necessidade, presta ajuda.

Resultado disso, a primeira vivência de satisfação estabelece a associação duradoura entre a tensão, provocada pela fome, o seio nutrício e o alívio da tensão, que doravante modelará o desejo e definirá os motivos morais. Aqui a conceituação centra-se na gênese do desejo associada ao objeto da vivência de satisfação. Tal vínculo permanece fundamental na teoria freudiana para dar conta tanto do funcionamento do aparelho psíquico quanto da vida moral.

Em segundo lugar, e relacionadas com a anterior, mais duas idéias no *Projeto* acenam para a questão ética: a necessidade de desistir do objeto primário de desejo e a de proteger o prazer com vistas à adaptação. A impossibilidade de obter nova satisfação com o objeto primário ao qual permanecemos fixados e a idéia de que a adaptação biológica e

psíquica requer a renúncia ao prazer imediato instauram certo desconforto no cerne do psiquismo, ao que seria conveniente – parece recomendar Freud – responder com certo estoicismo.

Ao longo da teorização freudiana, esse desconforto acentua-se até adquirir o caráter de conflito. Todavia, nesse primeiro momento, o desconforto ainda não tem contornos tão extremos. Por enquanto, o desejo define-se sobre a vivência de satisfação experimentada quando aliviada a fome. O problema está posto pelo fato do aparelho psíquico sempre buscar o objeto desiderativo nas primeiras vivências de satisfação. Assim, o desejo refere-se ao passado, constituindo-se na memória. Se levarmos em conta a correspondência com Fliess, é a partir de 1897 que Freud começa a pensar o desejo no horizonte da sexualidade infantil. Os conceitos de apoio e de pulsões parciais permitem, após 1895, articular a noção de sexualidade infantil e com as de desejo e de prazer, redefinindo-as.

Lacan constrói a sua interpretação de *das Ding* com base no *Projeto*, mas também, em textos posteriores que implicam mudanças conceituais como a introdução da teoria da sexualidade infantil e fundamentalmente a noção de complexo de Édipo. Para ele, o vínculo com *das Ding* tratar-se-ia do negativo ou reverso dos motivos morais, pois o auxiliar seria o objeto proibido da moral. Se a lei fundamental é a lei contra o incesto, para ser objeto da proibição moral ele deve identificar-se como objeto sexual incestuoso.

Todavia, no *Projeto* encontram-se elementos para conceber o conceito de *das Ding* como o registro das primeiras impressões do sujeito. Entretanto, as mesmas podem se referir à figura da mãe como ajuda alheia face ao desamparo

vital, mas nada, ainda, que faça alusão à mãe enquanto objeto de desejo sexual. Em todo caso, a releitura lacaniana resgata a preocupação que leva Freud da teorização naturalista inicial acerca do aparelho psíquico à redefinição dos termos da questão ética em torno do desejo nos seus textos mais tardios.

Pelo dito anteriormente, no *Projeto* ainda não há incompatibilidade imanente ao psiquismo entre moral e desejo, mas apenas irrealizabilidade deste. A postulação posterior do complexo edipiano estabelece o conflito no âmago da vida psíquica. Com efeito, inicialmente, o conflito entre desejo sexual e valores morais é visto por Freud como externo e provocado pelos costumes de uma cultura muito rígida. Assim, esse conflito teria solução cabendo aos médicos tomarem medidas profiláticas relativamente às doenças de origem sexual e aos intelectuais, políticos e artistas, a reforma de valores e usos sociais (Milot, 1992, p. 14-16). Após 1897, o conflito torna-se não apenas insolúvel, mas também, constitutivo do psiquismo.

Quanto à interpretação de *das Ding* como pura trama significante, esta obedeceria a uma operação de esvaziamento de qualquer elemento empírico em função do interesse de Lacan em aproximar a noção de vontade livre kantiana e a de desejo puro. Assim, *das Gute* – como objeto adequado à lei moral enquanto não refere um objeto particular, mas uma forma de agir conforme à razão – e o *das Ding* – como objeto correlato do desejo puro – resultam aproximados entre si (SAFATLE, 2003, p. 201 *et seq.*). Isso afasta a leitura lacaniana de Freud, uma vez que a irrealizabilidade do desejo para este sempre está ligada à imagem

mnêmica da mãe (SAFATLE, 2003, p. 194). A esse respeito, Safatle comenta:

[...] sublinhemos que o preço pago pela aproximação entre a psicanálise e a problemática kantiana é um certo distanciamento do encaminhamento freudiano inicial. No *Projeto, das Ding* está mais próximo da irreduzibilidade do *sensível* ao pensamento fantasmático do que dessa irreduzibilidade do *transcendental* à inscrição fenomenal que Lacan parece sustentar, ao aproximar *das Ding* de *das Gute* (SAFATLE, 2003, p. 214).

Sem dúvida, como compreender *das Ding* é uma questão controversa. Entendido como referência, encontramos duas grandes linhas de interpretação: uma gira em torno da constituição psíquica e outra considera as condições lógico-fenômicas da predicação. Em vista do contexto em que *das Ding* é introduzido – ou seja, a análise de vivências e formas de pensar –, poder-se-ia aproximá-lo do “x vazio” de Locke por trás do conjunto de qualidades em que se apresentam os objetos. *Das Ding* pode aludir também à impossibilidade de conhecer completamente, e de uma vez, os objetos, pois sempre haverá características não presentificadas para além dos aspectos atuais. Gabbi Junior nota a semelhança com o conceito de Mill de coisa como “possibilidade permanente de sensações” (GABBI Jr., 1994, p. 205). Tratar-se-ia, não de um referente positivo, mas da indicação de um pólo unificador de referência, um construto objeto de crença.

Entretanto, tais interpretações têm restrições. Elas parecem dar conta de forma mais adequada da noção de *das Ding* no que concerne ao complexo perceptivo, mas não contemplam a origem endógena da quantidade com que estão ocupados os neurônios  $\psi$  do núcleo no caso do objeto

desiderativo. Se *das Ding* for caracterizado como uma rede de neurônios  $\psi$  do núcleo constantemente ocupados, isso supõe excitação endógena, o que nos põe nos trilhos da interpretação alternativa: a coisa como o núcleo do eu ou o delegado da pulsão (Gabbi Jr., 1993, p. 255).

Mas, se não fossem necessariamente neurônios  $\psi$  do núcleo, então também se poderia cogitar que se trata do registro em estado bruto de experiências definitivamente marcantes para o sujeito que remontam às suas primeiras impressões, na maior parte, prévias à aquisição da linguagem (CAORSI, 1994, p. 59-61). A vivência de satisfação provocada pelo aleitamento materno, como momento da não diferenciação entre o sujeito e a mãe, cristalizaria esta última como irrepresentável.

Neste ponto, mesmo sem tomar partido por nenhuma das opções apresentadas, não se deve negligenciar, primeiro, que a noção que nos ocupa é introduzida no movimento de comparação entre o complexo perceptivo e o desiderativo, comparação que o pensar executaria perante um novo estado de desejo; segundo, que toda percepção é resultado da cooperação dos três sistemas de neurônios, portanto, toda percepção tem seu delegado em  $\psi$ ; terceiro, que nesse sistema não há registro sem associação; quarto, que no estado desiderativo a finalidade é estabelecer a identidade entre o objeto percebido e o objeto desiderativo. Torna-se, então, inteligível que a representação do complexo desiderativo influencie toda percepção. Em outras palavras, a relação do aparelho psíquico com a realidade não está apenas condicionada pelos estímulos externos, mas também mediada pela memória fixada no prazer da primeira vivência de satisfação.

Ora, de todos os temas até aqui mencionados, nenhum parece ser mais relevante para abordar o *Projeto* sob a perspectiva ética que o do par desprazer-prazer e o princípio correspondente, uma vez que a tendência do aparelho psíquico está definida por eles. Para começar, os avatares da quantidade, externa ou interna, se traduzem em desprazer ou prazer. Ao aumento, corresponde a sensação desprazerosa. À diminuição, a prazerosa. Assim sendo, o desprazer é condição de possibilidade do prazer. Tal caracterização traz à tona a discussão acerca da negatividade da concepção de prazer que Freud sustenta aqui.

Para pensar o aparelho psíquico, o naturalismo freudiano vai se servir da idéia do arco reflexo enquanto descarga imediata do estímulo. De início, considerando hipoteticamente a evolução do psiquismo desde a forma de vida mais elementar, Freud postula o princípio de inércia como sua tendência geral em relação à quantidade externa. Quando se trata também de quantidades endógenas, Freud passa do princípio de inércia ao princípio de constância, pelo qual o organismo tende a manter estável a quantidade mínima necessária para realizar a ação específica que dá conta dessas.

Ora, essa comparação traz à tona a seguinte discussão: se o princípio de inércia antecipa ou não a noção de pulsão de morte introduzida em *Além do princípio do prazer*. Interpretar que sim significa atribuir ao prazer um caráter meramente negativo. Quanto a isso, Monzani destaca a distância entre a concepção do prazer aristotélica e a freudiana. Enquanto a primeira afirma o prazer sensível como sinal da plena realização da *ousía* – e, então, como fazendo parte da *eudaimonia* –, para Freud, o prazer adotaria um sentido negativo mortuário – como sugerido no *Projeto* e

postulado explicitamente em *Além do princípio de prazer* – ao associá-lo com a inexcitabilidade (MONZANI, 2005, p. 163, 164).

Ao contrário, Gabbi Júnior defende que a função teórica do princípio de inércia reside em “assinalar a prioridade da quantidade externa sobre a interna” e, portanto, que “o desprazer é condição necessária para o prazer”. Na sua interpretação, do *Projeto*, a morte é concebida como “motivo fundamental para a intervenção do próximo e não como algo interno e condutor da vida” (GABBI Jr., 2003, p. 35). O comum a ambas as obras – nisso há acordo – seria a afirmação do desprazer como originário.

Em todo caso, desprazer e prazer são os motores do funcionamento do aparelho psíquico em cuja base se assenta a definição do desejo. A vivência de satisfação constitui a base sobre a qual o desejo se estabelece. Em face de um estado de necessidade provocado pela soma de quantidade endógena, essa vivência consiste na descarga prazerosa dessa quantidade pela ação específica que envolve um objeto, deixando facilitações entre os traços mnêmicos da tensão, do objeto, da ação específica e da descarga.

Desse modo, uma nova soma de quantidade vai desencadear um processo de reocupação dos traços facilitados entre si, conhecido como estado desiderativo. Em outras palavras, o desejo consiste em uma operação sobre o sistema  $\psi$  de representações que reinveste os traços correspondentes à associação formada por tensão-objeto-ação-interrupção da tensão. Em outras palavras, desprazer-objeto-ação-prazer. “Desejo”, então, designa o circuito excitação-objeto-sinal de interrupção da excitação (GABBI Jr., 2003,

p.57 [nota 101]). Pode-se dizer também que “desejo” designa o circuito desprazer-objeto-prazer.

O naturalismo leva Freud a explicar a inadequação do ser humano para a felicidade na força determinante da gênese do aparelho psíquico. A fixação na primeira vivência de satisfação é articulada na complementaridade entre o processo primário e a tendência à descarga prazerosa em oposição com o processo secundário e o que mais adiante será o princípio de realidade. Dessa maneira, o problema, no *Projeto*, parece residir em que o psiquismo teima em recuperar a experiência primordial de prazer estabelecida pela vivência de satisfação. Ao mesmo tempo em que a memória fornece recursos adaptativos, ela põe o maior escolho no anseio – retomando as palavras de Lacan – pela “qualidade arcaica de prazer indefinível que anima toda tendência inconsciente” em conflito com o que pode haver de realizável e satisfatório.

Em síntese, uma leitura imanente do *Projeto* evidencia não apenas a evolução conceitual, mas também a permanência de certos princípios gerais da teorização de Freud. Desde o ponto de vista ético, fica manifesto quão profundamente a dimensão moral se encontra entremeada na sua concepção do psiquismo e em que sentido se pode falar em termos de inadequação constitutiva da psique. De maneira mais específica, fica claro o caráter estruturante, mais básico que o do desejo, do par desprazer-prazer. Embora a natureza conflitiva do psiquismo segundo Freud se acentue com as noções de sexualidade infantil e de complexo edipiano, essa característica já se encontra no *Projeto*, porém, assentada primariamente no conceito de prazer e de forma apenas derivada no de desejo.

**Abstract:** This article discusses some considerations to guide the reading of the *Project for a psychology* from an ethical perspective. The starting point is Lacan's interpretation in *The Seminar, book VII, The Ethics of Psychoanalysis*, where he structures his analysis on the opposition between the principles of pleasure and reality and on the understanding of *das Ding*. Unlike the Lacanian reading, centered on the concept of desire, we firstly emphasize the relevance of the notions of pleasure and displeasure as fundamental. Secondly, we argue that in the *Project*, Freud sets as the foundations of morality, beyond the couple's displeasure-pleasure, the experiences of helplessness and debt before the next-helper and not the object of incestuous desire, or the object merely formal, as suggested by Lacan.

**Keywords:** pleasure-pain, helplessness, *Nebenmensch*, desire.

## NOTAS

- 1 Freud teria desistido do aspecto metodológico do *Projeto*, não do pressuposto materialista do seu pensamento.
- 2 Doravante, na referência à edição de Amorrotu das *Obras Completas* de Freud, adotaremos a abreviatura AE, precedida do ano de publicação original, entre colchetes, e do ano da mencionada edição com a indicação do volume correspondente à mesma, em números romanos. A referência ao *Projeto* é realizada segundo a edição de Amorrotu e a de Imago das *Notas a projeto de uma psicologia* de Osmyr Faria Gabbi Jr.
- 3 Assim, o comportamento histórico ordena-se na medida em que o objeto primeiro é objeto de insatisfação. Na neurose obsessiva, o objeto é aquele que acarreta prazer em demasia. Na paranóia, o objeto define-se pela descrença do paranóico relativamente a ele.
- 4 O tema da dívida perante um ser poderoso, que dá a vida e protege, traz, certamente, ressonâncias da tradição judaico-cristã que Freud vai explorar nos textos

culturais para explicar a origem da religião e da moralidade.

## REFERÊNCIAS

CAORSI, Carlos Enrique. *Lógica, Filosofía y Psicoanálisis*. Montevideo: Roca Viva, 1994.

FREUD, Sigmund. Histeria. In: *Obras Completas*. Trad. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, I, [1888] 1976.

\_\_\_\_\_. Proyecto de psicología. In: *Obras Completas*. Trad. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, I, [1895 - 1950] 1976.

\_\_\_\_\_. Projeto de uma psicologia. In: GABBI Jr., Osmyr Faria, *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

\_\_\_\_\_. Las neuropsicosis de defesa. In: *Obras Completas*. Trad. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, III, [1894] 1976.

\_\_\_\_\_. Toten y tabú. In: *Obras Completas*. Trad. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, XIII, [1913] 1976.

\_\_\_\_\_. La negación. In: *Obras Completas*. Trad. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, XIX, [1925] 1976.

GABBI Jr., Osmyr Faria. A teoria do Inconsciente como teoria da memória. In: *Psicologia USP*, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 247–260, 1993.

\_\_\_\_\_. *Freud. Racionalidade, sentido e referência*. Campinas: Unicamp, Centro de lógica, Epistemologia e História da Ciência, 1994.

\_\_\_\_\_. *Notas a Projeto de uma psicologia: as origens utilitaristas da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Prática*. Trad. Afonso Bertagnoli. 4ª edição. São Paulo: Ed. Brasil, s/d.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro VII: A ética da psicanálise*. Trad. Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

\_\_\_\_\_. Kant com Sade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MASSON, Jeffrey Moussaieff. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887- 1904*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MILLOT, Catherine. *Freud Antipedagogo*. Trad. Ari Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MONZANI, Luiz Roberto. O paradoxo do prazer em Freud. In: Fulgencio, L. e Simanke, R. T. (orgs.). *Freud na filosofia brasileira*. São Paulo: Escuta, 2005.

SAFATLE, Vladimir. O ato para além da lei: Kant com Sade como ponto de viragem do pensamento lacaniano. In: SAFATLE, Vladimir (org.). *Um limite tenso: Lacan entre a filosofia e a psicanálise*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

\_\_\_\_\_. *A paixão do negativo. Lacan e a dialética*. São Paulo: Editora Unesp, 2006.